



ADRIANA MENDONÇA SIQUARA

NEUROSE OBSSESIVA: ENTRE O AMOR E O ÓDIO

VITÓRIA

2018

ADRIANA MENDONÇA SIQUARA

NEUROSE OBSSESIVA: ENTRE O AMOR E O ÓDIO

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito de aprovação para a obtenção
do título de Especialista em Psicanálise clínica
da Faculdade Einstein - FACEI**

Orientadora: Prof. Lucia Maria Godoy

VITÓRIA

2018

RESUMO

O objetivo principal da pesquisa é compreender a neurose obsessiva, por meio da análise da obra *Homem dos Ratos*, de Freud. Os objetivos específicos são compreender a relação com o desejo da mãe, estudar sobre o supereu, verificar a questão da relação com o pai e investigar o papel do pai no *Homem dos Ratos*.

O método escolhido para a elaboração deste trabalho é a revisão de literatura. Segundo Marconi e Lakatos (2001), "a bibliografia pertinente oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas". Já para Gil (2006) a principal vantagem da pesquisa bibliográfica consiste no fato de "permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente".

Palavras-chave: Neurose. Obsessiva. Supereu. Mãe. Inconsciente

1 INTRODUÇÃO

O tema deste artigo é Neurose Obsessiva: entre o amor e o ódio, a partir da análise da obra *Homem dos Ratos* de Freud. Freud, em sua análise do *Homem dos Ratos*, enfatizou a ação castradora do pai diante dos desejos do sujeito. Daí, a forte ambivalência (amor x ódio), o recalque das hostilidades e a culpa que o desejo de morte pelo pai, aqui mais acirrado, traria.

A elaboração freudiana acerca da neurose obsessiva está marcada em três tempos. A primeira fase da teoria freudiana estaria mais relacionada ao trauma (que, nesta neurose, teria sido vivido de forma ativa e prazerosa). Freud elabora, neste momento, que o retorno do recalcado se daria pela via da necessidade de medidas protetoras, os rituais e cerimoniais obsessivos.

Em um segundo momento da elaboração teórica, aproximadamente de 1905 a 1913, Freud articula à neurose obsessiva as questões tais como a regressão à fase anal sádica da libido, e a utilização de mecanismos de defesa: formações reativas, anulações retroativas, negação e isolamento.

Em um terceiro momento, Freud passa a relacionar a esta neurose temas, como a função do superego, a questão pulsional com a prevalência da pulsão de morte à qual estaria relacionado o sadismo, o masoquismo e o sentimento inconsciente de culpa.

Neste artigo científico, a pesquisa bibliográfica foi feita por meio do estudo teórico em livros, revistas e artigos concernentes à temática, com especial ênfase nas obras de Sigmund Freud.

2 DESENVOLVIMENTO

A RELAÇÃO COM O DESEJO DA MÃE

Diversos autores observam que, na neurose obsessiva, ocorre a vivência de um excesso de satisfação na relação precoce com a mãe. Dor (1994) fala da ambiguidade no discurso da mãe em relação à localização de seu objeto de desejo, ela passa a mensagem de que seu desejo se dirige ao pai, mas que está insatisfeita. A criança percebe uma falha nesta satisfação, e como tem o repertório muito limitado se sente culpada pelo que está acontecendo com a mãe e se coloca como objeto dessa. Esta configuração é o que Dor denomina “[...] ponto indutor da neurose obsessiva: o signo do desejo insatisfeito da mãe [...]” (DOR, 1994).

Kehl (1999) fala de um superinvestimento materno realizado pela mãe do obsessivo, Peres (2005) afirma que o obsessivo seria fruto de um excesso de gozo na relação com a mãe, Dorey (2003) fala da ocorrência de uma sedução materna sobre o filho, Fain (apud VALAS, 2001) diz que o obsessivo se vê constrangido a suprir a excitação materna, Ribeiro (2003) acrescenta que esta relação precoce com o Outro materno é marcada por um excesso de gozo que acarreta culpa e sofrimento.

Sobre a influência da mãe, Roudinesco (2000, p. 139) acrescenta que Melanie Klein conferiu à posição materna um lugar determinante e que a ótica lacaniana dá continuidade ao poder conferido à mulher: “Através de seu gozo, ela seria, segundo Lacan, ‘sem limites’, e, através da maternidade, exerce sobre a criança e sobre o pai um poder considerável”.

Nesta neurose, a criança fica presa à mensagem do desejo insatisfeito da mãe, mas, ao mesmo tempo, submetida à lei do pai, o que gera um conflito maior. Dessa forma fica nítida a ambivalência entre o medo de ser destruído e o desejo de destruir.

Como Freud (apud JULIEN, 2002, p. 145) afirmou: “ninguém abre mão da satisfação um dia vivida”, o que levará o sujeito a buscar recuperar este lugar de exceção junto à mãe de outras maneiras. É comum o obsessivo relatar que já foi feliz no passado, pois ele tinha algo que lhe dava prazer, contudo o perdeu. E

consciente ou inconscientemente o sujeito vai em busca da satisfação vivida, o que gera angústia, ansiedade e sofrimento.

O obsessivo reduz o desejo àquilo que o outro lhe pede, e a partir daí, esforça-se em ser 'tudo para o Outro', como já foi dito. Dessa forma, o sujeito as vezes vira escravo da sua própria mãe, pois acredita que tem que satisfazer todos os seus desejos. Isso pode também se refletir nas relações interpessoais do obsessivo que se sente responsável pela satisfação do Outro.

Este mecanismo estaria também relacionado à vivência da fase anal. Se na fase oral, quem necessita é o sujeito, na fase anal, quem necessita é o Outro e também é ele quem domina a relação.

Peres (2005) acrescenta que o obsessivo se identifica com a merda que o Outro demanda, alienando seu desejo à imagem, passa a buscar identificar-se com imagens ideais, nunca as encontra o que o faz ter des fusão pulsional, prevalecendo a vertente destruidora de modo que o sadismo e o masoquismo comparece na vida do sujeito.

Na neurose obsessiva, o superego tem uma expressão cruel. Freud já enfatizou que este traz a marca do pai, da lei. Julien (2002) relatou que, no último período de elaboração sobre a neurose obsessiva, Freud se interroga sobre o porquê de um superego tão cruel, vinculado à pulsão de morte.

SOBRE O SUPEREU

Autores como Julien e Dor entendem que o superego é para Freud, relacionado ao pai. Julien (2002) articula que o gozo é algo que está para além do princípio do prazer e que é preciso o sujeito se defender do gozo do Outro que o põe em lugar de objeto. "Aquela famosa voz que vem de dentro que é o Superego vem do Outro, ela revela sua origem na máxima que enuncia o direito ao gozo do Outro sobre meu corpo" (JULIEN, 2002, p. 153). Ainda para este autor, Freud articularia este gozo sádico ao pai. Dor (1994, p. 155) também entende que a lei do superego é para Freud, relacionada ao pai. "Ele soube registrar a verdade que fala pela boca do obsessivo e transcrevê-la em seu 'mito individual' que é 'Totem e tabu'; o Superego

é a interiorização de um pai que faz a lei; só se mata o mestre para melhor se submeter a ele, incorporando-o”.

Ambertín (2006) enriquece tal discussão quando problematiza o conceito de superego

Sendo ‘herdeiro do complexo de Édipo’, traz a marca da lei paterna. No entanto, é bom lembrar que ele também é herdeiro do pai em sua faceta aniquilante e não legisladora. Coordenado ao gozo, e não ao desejo, o superego é um chamado à não castração, e, como tal, resíduo da lei, herança do desarranjo da lei do pai, aquilo que escapa à sua legislação. Não proclama o que há de morto no pai - que é o apenas tal -, mas presentifica um resto vivo como incidência sádica (AMBERTIN, 2006, p. 51).

Na elaboração da segunda tópica, em *O Ego e o Id* (1923), Freud coloca o superego como aquilo que é ao mesmo tempo “herdeiro do complexo de Édipo” é também “herdeiro do id” (FREUD, 1923).

Freud articula que isto é o que explica boa parte do superego ser inconsciente. No entanto, mais adiante, elabora que, em determinadas ocasiões (autopunição, masoquismo, melancolia, etc.), o sadismo parece tomar conta do superego contra o eu. “O que está influenciando o superego é, por assim dizer, uma cultura pura do instinto de morte” (FREUD, 1923).

Na neurose obsessiva, este aspecto paradoxal do superego fica ainda mais explícito à medida que os rituais obsessivos se caracterizam por unir satisfação e proibição de modo mais evidente.

A RELAÇÃO COM O PAI

No obsessivo, a vivência precoce na relação com a mãe faria com que seu desejo se configure como algo mais perigoso e temível diante de uma possível retaliação do pai, no entanto tornaria sua intervenção castradora mais necessária (Complexo de Édipo) . Daí, a ambivalência, entre o amor e ódio, o desejo de destruir e o medo de ser destruído pelo Outro.

Kehl (1999) observa que no momento da escolha da neurose, o obsessivo desloca-se para junto do pai, “[...] aposta tudo na recuperação de seu lugar de

exceção, agora junto ao pai, porta-voz da vontade paterna que ele confunde com a Lei”.

No obsessivo, teria permanecido a equivalência infantil entre pai e lei, fato que contribui para que o gozo (enquanto satisfação da pulsão sexual) implique uma condição: a morte do pai. Mas choca-se com a fantasia do pai herói e vive na angústia, pois não consegue separar o pai real do pai simbólico.

Segundo Melman (1999), o obsessivo é aquele que luta pela restauração da honra do Outro. Tenta expulsar o desejo, mas o recalçado insiste em retornar e parece muitas vezes em forma de sintoma. É o que ocorre com alguns obsessivos que têm delírios e alucinações, que parecem psicóticos, mas não são.

O obsessivo não consegue ficar tranquilo, sempre tem algo o incomodando, ele nunca sabe bem onde está o pai, e estabelece uma procura por ele inconsciente. Por isto, precisa ficar refazendo o pai a cada instante o que acaba por configurar um sintoma torturante para o sujeito, que muitas vezes pode até pensar que está ficando louco.

E a configuração de idéias obsessivas, repetitivas, totalmente fechadas e configuradas, é uma tentativa de dar uma versão definitiva a isso que não pára, como demanda do Outro, de constituir-lhe uma posição paterna, que é a demanda do pai de Hamlet (JERUSALINSK, 1995, p. 68).

Como exemplo, podemos citar a obra de Sheakspeare visto que Hamlet é colocado como um possível obsessivo por alguns autores. Lacan (1986), no seminário *O desejo e sua interpretação*, dedica sete encontros à análise da peça de Sheakspeare. O fantasma do pai de Hamlet lhe pedia que o filho salvasse sua honra, o que gerou uma inquietude aterrorizante e enlouquecedora em Hamlet.

Gazzola (2002) vem dizer que a estratégia obsessiva é exatamente essa: a de fazer o pai imaginário coincidir com o pai simbólico. Uma missão bem desafiadora para o obsessivo.

O PAI NO HOMEM DOS RATOS

No caso do *Homem dos Ratos*, não fica evidente algo que remeta a uma possível relação mais erotizada da criança com a mãe. Visto que no caso do *Homem dos Ratos*, as manifestações eróticas do menino se dirigiam para as figuras das babás e governantas.

Inclusive sobre a genitora o *Homem dos Ratos* refere-se às vezes com nojo. No discurso é frequente que, a sexualidade em relação à mãe, não se configure como desejada, mas como repudiada, isso devido provavelmente aos mecanismo de defesa que ele utilizava. A mãe, se configurava para o menino como interdita, tanto que seu desejo já precisava buscar substitutas aos três anos de idade.

Sobre a figura paterna, Dorey (2003) fala do pai do obsessivo como uma figura ambígua, Coelho e Nascimento (1997) falam da impostura e da honra duvidosa do pai, Caligaris (1989) fala de “pai incastrado” na neurose obsessiva, Cabas (1982) utiliza também o termo ‘impostura’.

Dor (1994) fala que a imagem paterna torna-se onipresente na neurose obsessiva, Mees (1999) menciona que nesta neurose, o Outro demanda ao obsessivo que lhe constitua uma posição paterna. Kehl (1999) afirma que o obsessivo não admite morte do pai, Jerusalinsk (1999) diz que o pai tem, para o obsessivo, uma extensão indefinida.

A mãe do *Homem dos Ratos*, via seu marido como um grosseiro e colocava-se como moralmente superior a este homem. O filho em seu relato denuncia a impostura do pai, narrando episódios em que este se excedia na violência e, quando ‘abusava de sua autoridade, querendo sentir que tudo provinha dele’, quando, na verdade, ele dependia do dinheiro da mulher. O *Homem dos Ratos* tinha dúvidas em relação ao sentimento que seu pai tinha por sua mãe, visto que a mãe tinha muitas posses e o pai muitas dívidas.

Dorey (2003) comenta ainda que a mãe do obsessivo de uma forma geral apresenta certa assexualidade em relação ao marido, o que torna seu desejo mais enigmático para a criança.

Para o obsessivo, configura-se que talvez este pai já não seja muito merecedor deste posto e que, além disso, quem deveria ocupar tal lugar poderia ser, para o sujeito, ele mesmo, embora tal seja muito perigoso. É aí que reside seu impasse: é necessário um Pai, ao mesmo tempo em que se deseja destruí-lo, gerando a ambivalência: amor x ódio.

Armado de seus sintomas, o *Homem dos Ratos* buscava de todas as formas encobrir este embuste e suas ambigüidades, criando e sustentando uma figura irrepreensível, perfeita, um pai absoluto. Imagem que lhe servia para, através da idealização, ocultar sua inconsistência. Nomes do pai na tentativa de tamponar a falta estrutural no Outro (COELHO; NASCIMENTO, 1997, p. 55).

Mas é preciso salvar a figura do pai herói e o neurótico obsessivo acaba, no entanto, por ficar prisioneiro de sua própria fantasia.

Todo esse esforço para não matar o pai; para não ter que separar o pai (real) da Lei (isto é, simbolizar o pai) [...] Todo esse esforço para conservar a equivalência (infantil) entre o pai e a Lei. Para não ter que ocupar seu lugar entre os irmãos parricidas que, que fizeram valer seu desejo e instauraram o pai simbólico, para proteger-se da barbárie, do próprio desamparo (KEHL, 1999, p. 91).

O obsessivo cria para si um terrível pai imaginário, ameaçador um pai imaginário difícil de simbolizar que reaparece nas suas relações interpessoais, representado em diversos outros personagens da sua vida, no caso do *Homem dos Ratos*, como o capitão cruel que teria prazer em impor um suplício anal.

Gazzola (2002) afirma que o pai do Homem dos Ratos, devedor e suboficial, “subpai desfalecente” ainda precisou de um “enxerto fálico” da mulher (o dinheiro), dessa forma, permanecendo bem vivo no imaginário. Na mente do obsessivo, esse pai-imaginário pode chegar a qualquer momento para lhe impor a lei ou algo de ruim pode ocorrer com ele embora já esteja morto.

As questões em torno do pagamento da dívida são tentativas de salvar a honra do pai e restituir o seu lugar. Como fala Jerusalinsk (1995), refazer o pai com

o qual o sujeito está identificado e, desta forma, restituir-lhe seu devido lugar simbólico.

O interessante é que, na encenação de pagamento, ele denuncia a dívida do pai, muito mais do que a paga, ao mesmo tempo em que se faz de herói. O blefe que o obsessivo denuncia é a inconsistência no Outro, que o faz sofrer ainda mais, quando ele a presente refletida em si mesmo (KEHL, 1999, p. 81).

Freud (1905) aponta como elemento desencadeador da neurose, o momento da escolha entre a moça rica ou a dama da qual gostava, o que o colocou em situação semelhante à do pai e desencadeou uma série de sintomas (retorno do recalçado).

A estratégia obsessiva, segundo (GAZZOLA, 2002), será a de promover um apagamento do pai real e promover o pai imaginário a pai simbólico. No entanto, o apagamento do pai real, agente da castração, coloca uma dificuldade para a assunção da castração, para a passagem do ser ao ter, reforçando a identificação fálica do sujeito. É o que Dor (1994) confirma quando diz “[...] existe sempre no obsessivo uma incerteza constante entre o retorno regressivo e a obediência à Lei e às implicações que esta supõe”.

O obsessivo se dedica a operar praticamente, no mecanismo de defesa da negação desse pai real, substituindo-o pelo pai imaginário, logo posto em equivalência com o pai morto. Bem, é preciso que ele pague o preço desse assassinato “[...] por que esse apagamento do pai real, agente da castração, para a passagem do ser ao ter - o que trabalha no sentido de reforçar a identificação fálica do sujeito” (GAZZOLA, 2003).

O neurótico obsessivo vive por conta do Outro, tem com este uma enorme dívida tanto pelo intenso desejo parricida quanto pela ‘salvação’ que a castração lhe proporcionou. Por isto, deve pagar. Gazzola (2002) afirma que a dívida neste caso específico foi paga com a própria vida.

3 CONCLUSÃO

A neurose obsessiva é considerada enigmática e cheia de possibilidades, seja por Freud, seja pela psicanálise lacaniana. O fato é que essa escolha continua a desafiar a clínica psicanalítica atual, pelas várias formas que pode se apresentar, tendo em vista a singularidade do sujeito.

No presente artigo, fizemos uma revisão literária a acerca da neurose obsessiva a partir de teses defendidas por autores renomados, trazendo as contradição e as ambivalências entre o pai real e o simbólico para o obsessivo, sendo observada em todos os seus níveis: desde quando enunciada ainda no discurso da mãe, a lei representada pelo pai que é colocada de forma ambígua - existe, mas pode ser burlada, o que gera angústia.

Essas ambivalências entre o amor (consciente) e o ódio (inconsciente) geram dúvida, culpa e sofrimento no obsessivo, constituindo-se como uma das características mais frequentes. Daí Freud entender que esse conteúdo deve se tornar consciente no processo analítico.

No imaginário, ficam dúvidas a respeito da atribuição fálica do pai. No real, o pai representa a lei, tenta mostrar de que tem o falo. E este persegue e gera sofrimento no obsessivo.

O obsessivo, preso nesta rede de sustentação de um impasse, nessa ambivalência entre o amor e o ódio, não pode ficar 'livre' para assumir seu desejo, mas talvez seja isso mesmo que ele queira consciente ou inconscientemente.

4 REFERÊNCIAS

AMBERTÍN, M. C. **Imperativos do supereu: testemunhos clínicos**. São Paulo: Escuta, 2006.

CABAS, A. G. **Curso e discurso de Jacques Lacan**. São Paulo: Moraes, 1982.

CALIGARIS, C. **Introdução a uma clínica diferencial das psicoses**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

COELHO, M. C.; NASCIMENTO, S. R. **A propósito do pai na clínica de Freud**. Revista da Letra Freudiana do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Ano XVI, n. 21, p. 49-58, 1997.

COUVREUR, C. **Introdução aos escritos de Freud sobre a neurose obsessiva**. In: BRUSSET, B.; COUVREUR, C. A neurose obsessiva. São Paulo: Escuta, 2003. p. 21-38.

DOR, J. **Estruturas e Clínica Psicanalítica**. Rio de Janeiro: Taurus, 1994.

DOREY, R. **Problemática obsessiva e problemática perversa**. In: BRUSSET, B.; COUVREUR, C. A neurose obsessiva. São Paulo: Escuta, 2003. p. 115-140.

ESTEBAN, M. T. **O que sabe quem erra?** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FREUD, S. **A perda da realidade na neurose e na psicose**. (1924). Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. **O Ego e o Id.** (1923). Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. **Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade.** (1905). Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GAZZOLA, L.R. **Estratégias na neurose obsessiva.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisas. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

JERUSALINSKY, A. **A forclusão do pai na neurose obsessiva.** Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Porto Alegre, n. 17, p. 63-70, 1999.

JULIEN, P. **A feminilidade velada: aliança conjugal e modernidade.** Rio de Janeiro: Cia de Freud, 1997.

JULIEN, P. **Psicose, perversão, neurose: a leitura de Jacques Lacan.** Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2002.

KEHL, M. R. **Blefe! Revista da Associação Psicanalítica** de Porto Alegre, Porto Alegre, n. 17, p. 79-82, 1999.

KOCHE, J. C. **Fundamentos de Metodologia Científica: Teoria da Ciência e Iniciação à Pesquisa.** Petrópolis: Vozes, 2002.

LACAN, J. Hamlet por Lacan. Textos psicanalíticos 1. **Fragmento do seminário O desejo e sua interpretação, baseado nas anotações de Octave Mannoni.** Campinas: Escuta e Libliú Livraria Editora, 1986.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2008.

MEES, L. A. A neurose obsessiva. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Porto Alegre, n. 17, p. 37-41, 1999.

MELMAN, C. **A racionalidade como sintoma**. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Porto Alegre, n. 17, p. 52-62, 1999.

MELMAN, C. O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço. Entrevistas por Jean-Pierre Lebrun. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2003.

PERES, U. T. **Notas sobre a neurose obsessiva em Freud e Lacan**. In: BERLINK, M. T. A neurose obsessiva. São Paulo: Escuta, 2003. p. 327-398.

RIBEIRO, M. A. **A neurose obsessiva**. Coleção psicanálise passo-a-passso. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

ROUDINESCO, E. **Por que a Psicanálise?** Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, A. C. **Metodologia da Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2006.

TOLIPAN, E. **A estrutura da experiência psicanalítica**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1991.

VALAS, P. **As dimensões do gozo: do mito da pulsão à deriva do gozo**. Rio de Janeiro: ed. J. Zahar, 2001.

